<Título Release>

**Uma direita insurgente? Como a direita sequestrou as práticas políticas da esquerda?**

<Linha fina>

*A partir da tentativa de golpe do 8 de janeiro, o livro* 8/1: A rebelião dos manés *analisa as táticas da nova extrema-direita brasileira em sua relação com o olavismo, a movimentação fascista internacional e os interesses do grande capital*

<Texto Release>

Por que a direita se tornou audaz e rebelde enquanto a esquerda se institucionalizou e está presa ao realismo político e à gestão comportada do sistema? Essa é a questão de fundo do livro *8/1: A rebelião dos manés* (hedra, 2024), do urbanista Pedro Fiori Arantes e dos historiadores Fernando Frias e Maria Luiza de Meneses.

A análise dos autores parte de uma imagem estarrecedora, inédita na história brasileira e assistida por todos os brasileiros no dia 8 de janeiro: sete dias após a posse de Luiz Inácio Lula da Silva na presidência da República, a mesma rampa que tinha sido ocupada pelos democratas que celebravam a vitória do PT e das forças progressistas tornou-se palco de uma insurreição de milhares de brasileiros de verde e amarelo que invadiram a praça dos Três Poderes e depredaram o edifício-sede do Supremo Tribunal Federal, o Palácio do Planalto e o Congresso Nacional, sem resistência militar ou policial.

Mas, afinal, a tomada de palácios por massas de civis em rebelião não era uma forma histórica de insurreição de comunistas, operários e camponeses derrubando monarquias e ditaduras? No entanto, quem tentou tomar e destruir os palácios de Brasília não foram hordas de sem-terra ou estudantes, nem comunistas e black blocs. A autoria foi dos autodenominados “patriotas”, “cristãos” e “cidadãos de bem”, enrolados em bandeiras nacionais, quebrando e estilhaçando os edifícios-símbolos do poder nacional, em demonstração de cólera antissistema e fúria milenarista.

Ao investigarem os traços distintivos do ataque bolsonarista a Brasília em 8 de janeiro de 2023, os autores analisam como a extrema-direita incorporou os impulsos políticos, rebeldes e estéticos da esquerda, reconfigurando-os ao seu modo e em sentido golpista. O ensaio resgata, ainda, o imaginário social dos levantes populares, incluindo Junho de 2013, sonda as influências norte-americanas e disseca o instrumental reacionário legado pelos herdeiros da ditadura, por Olavo de Carvalho, MBL, 300 do Brasil e o salvacionismo evangélico – todos eles combinados, fomentando a rebelião dos “manés”. À sombra deles, Generais e o clã Bolsonaro disfarçavam malandramente a trama para a virada de mesa que ficou pela metade.

Os autores empreendem não apenas uma análise da visualidade e do imaginário dos novos rebeldes, de suas tramas e desfaçatez política, como apontam caminhos ainda possíveis para uma esquerda que precisa recuperar a imaginação coletiva, a crítica radical e a rebeldia insurgente a fim de alterar o curso da história em favor dos despossuídos. Se não o fizer, a vanguarda reacionária seguirá ocupando as ruas, comandando os negócios e a vida política real, do Congresso às periferias – e o que será de nós?

<Título>

8/1: A rebelião dos manés

*ou esquerda e direita nos espelhos de Brasília*

<Autor>

**Pedro Fiori Arantes** é arquiteto e urbanista (fau-usp), professor de História da Arte na Unifesp, Campus Guarulhos. É autor de livros e artigos sobre movimentos sociais, arte e política, guerras culturais, direito à cidade, habitação popular e educação. Participa do coletivo usina que assessora projetos e obras de movimentos populares e é um dos coordenadores do Centro Sou\_Ciência. Coordena um grupo de estudos e eletivas na graduação e pós-graduação sobre guerras culturais e arte e política.

**Fernando Frias** é graduado em História pela Universidade de São Paulo (fflch-usp) e licenciado pela Faculdade de Educação da usp. É mestrando em História da Arte pela eflch-Unifesp. Integra o grupo de pesquisa maar (Mídias, Artes, Afetos e Resistência), coordenado pela profa. Yanet Aguilera e o grupo de pesquisa e estudos em guerras culturais, coordenado pelo prof. Pedro Arantes (ambos na eflch-Unifesp).

**Maria Luiza Meneses** é graduanda em História da Arte (Unifesp). É responsável pelos projetos Pinacoteca Digital Mauá (2019–) e Falando em Arte (2020–). Foi curadora da exposição Travessias do Moderno em Mauá (2022) e assistente pessoal da curadora Diane Lima, com ênfase em pesquisa, produção e curadoria durante a 35a Bienal de São Paulo (2022–2023). Atua nos coletivos Rede Latino Americana de Estudantes de História da Arte (RedLEHA), Nacional trovoa e Rede Graffiteiras Negras do Brasil.

<ISBN impresso>

978-85-7715-950-5

<ISBN epub>

978-85-7715-956-7

<Preço impresso>

39,90

<Preço epub>

<Data de publicação>

<Formato>

127x190mm

<Numero de páginas>

174

<Destaques (trechos do livro)>

Aqui interessa discutir, articulando estética e política, os acontecimentos de 8 de janeiro em seus vários ângulos e espelhamentos oblíquos (32).

O 8 de janeiro é um caleidoscópio de forças e vertigens, em imagens e atos, apresentando de forma fugaz e impactante dilemas e fraturas do Brasil atual. Daquele espetáculo, entre o grotesco e o surpreendente, há importantes aprendizados sobre o que motiva e o que impulsiona a indignação e a capacidade de assumir riscos em defesa de causas e crenças para transformar o rumo da história (32).

Como veremos, a direita aprendeu com a esquerda insurrecional a ocupar a rua com ousadia e ir além, enquanto a esquerda institucional recuou, autorizou forte repressão policial e buscou “governabilidade”, ajoelhando-se diante dos interesses do capital e da política fisiológica (34).

Em 8 de janeiro de 2023, veremos o resultado desse (des)encontro com sinal trocado entre esquerda e direita, como polos que se repelem e atraem, em situação típica das guerras “de posição” e “de movimento” da teoria gramsciana. Neste caso, a vanguarda da direita cumpriria o papel insurrecional que cabe historicamente à esquerda, enquanto esta recalcava e desmoralizava sua fração rebelde para (novamente) atuar como gestora do sistema, em conciliação e submissão aos interesses do capital e da política fisiológica, na manutenção da ordem, com repressão e pacificação social (35-36).

A tomada de palácios por massas de civis em rebelião não era uma forma histórica de insurreição de esquerdas, comunistas, operários e camponeses derrubando monarquias e ditaduras? O que está invertido no espelho político e ativista da esquerda e da direita no Brasil e no mundo, nos últimos anos? Os “desejos antissistêmicos associados à esquerda” mudaram de lado? O brado leninista “esmaguemos o Estado” foi assumido pela direita e a história se inverteu? A direita, e em especial sua fração extremista, tornou-se “força rebelde”? Estamos diante de um “jogo de coisas trocadas”, de um “espantoso deslizamento semântico” entre esquerda e direita, colocando “o mundo de ponta-cabeça”? O 8 de janeiro foi o ponto culminante da transformação da “política como guerra” e como “guerra insurrecional”? Quando os “tradicionalistas” decidiram ser preciso colocar tudo abaixo e tornaram-se radicais antissistema? (45-46)

O efeito da recusa do resultado das eleições é central. Tal nível de negação vinha sendo preparado havia anos, com ataques às urnas, ao stf e ao tse — resultando na inelegibilidade de Bolsonaro por oito anos, em julgamento de 30 de junho de 2023. O eleitor bolsonarista fora treinado para negar a derrota: 90,1% deles consideram que houve fraude e Lula não ganhou a eleição. É o mecanismo freudiano da “denegação”, ou autodefesa do indivíduo que, mesmo ciente do resultado, decide agir como se ele não tivesse ocorrido. Daí o caminho para a dissonância cognitiva que leva o bolsonarista a fechar-se no seu círculo de crenças e pseudoverdades para não ampliar o sofrimento na confrontação com a realidade (80-81).

A transmissão televisiva da posse de Lula e, em especial, a subida da rampa, a consumação da posse, deveria ser barrada a qualquer custo. Alguma força deteria Lula: Bolsonaro, os militares, a mão de Deus e até extraterrestres. Chegaram a acreditar que Lula estava morto e fora substituído por um ator, que Alexandre de Moraes fora preso e que Heleno tinha virado presidente, entre outros delírios salvacionistas, alguns inspirados pelas tramas golpistas que circulavam por Brasília e pelos quartéis. No próprio dia 1° de janeiro, horas antes da posse, acampados comemoravam mais uma fake news: a notícia de que o exército impediria a posse de Lula e que o General Heleno assumiria a presidência (81-82).

No domingo seguinte, a turba de manés, cidadãos de bem em fúria, subiria a rampa, invadiria as sedes dos Poderes e quebraria tudo, em desrecalque de ódio e brutalidade. O choque entre o 1o e o 8 de janeiro seguiu reverberando. Direitistas moderados e mesmo uma parcela bolsonarista de cidadãos comportados e ordeiros passaram a se ver no espelho da vanguarda ativista e violenta da extrema-direita. Nas pesquisas realizadas nos dias seguintes, a imensa maioria rechaçava as invasões e depredações, incluindo bolsonaristas. Segundo o Instituto AtlasIntel, em pesquisa no dia 10 de janeiro, 76% da população discordava dos ataques; no DataFolha de 12 de janeiro, 93% condenava os atos. A maioria dos bolsonaristas também era contrária. A direita, diante do reflexo de sua própria imagem, não mais se reconheceria?

As cenas filmadas em tempo real, e depois coletadas a partir das redes e celulares dos extremistas, inundaram a mídia no mesmo dia e nas semanas seguintes, produzindo não apenas a inversão no espelho da rebeldia insurgente esquerda-direita, mas o seu estilhaçamento para uma parcela da direita. À esquerda, no poder, coube a defesa das instituições e da ordem, num deslizamento semântico surpreendente ao insistir em denominá-los de “terroristas”, usando incorretamente a legislação para isso. Vitória dos militares, que fizeram a esquerda operar no seu campo discursivo e de operações, em “pinça informacional”, como apontou Leirner. Uma conquista e tanto: a esquerda institucional, que já havia recalcado a fração insurgente, agora assumia de peito aberto a posição de caçadora de terroristas subversivos. Espelho, espelho meu… (85-86)

Como fica, diante do quebra-quebra em Brasília, a “direita ordeira”? Viu-se em um reflexo distorcido: “patriotas”, cidadãos de bem, “manés” seriam capazes de tais atos de depredação e vandalismo? Defensores da ordem, da tradição, da família e da propriedade seriam agentes de tanta violência? A resposta escapista foi: havia esquerdistas infiltrados. Ou seja, existia o desejo de reverter aquela ordem invertida, de colocar os espelhos e os sujeitos nos seus devidos lugares, devolvendo à esquerda o ônus histórico da insurgência, prática que fora sequestrada momentaneamente por alguns “aloprados”. (87)